

A MEMÓRIA ENQUANTO RECURSO PEDAGÓGICO NO BANQUETE DE PLATÃO*

Luana Neres de Sousa**

Resumo: *O diálogo Banquete, escrito por volta de 384 a.C., está entre as obras mais conhecidas do filósofo Platão e versa a respeito de Eros e do amor homoerótico masculino praticado em Atenas durante o período clássico. O contexto escolhido pelo filósofo para ambientar sua obra foi um jantar ocorrido na casa do poeta Agatão em comemoração à sua vitória em um concurso de tragédias no ano de 416 a.C. O objetivo deste artigo é analisar como Platão utiliza a memória enquanto um recurso pedagógico no Banquete para a exposição de seus valores acerca do relacionamento entre erastés e erómenos. Para isso, realizamos um debate bibliográfico sobre o conceito de memória e, em seguida, nos dedicamos à análise da maneira como Platão converte a memória em um instrumento educativo para expressar seu pensamento aos seus leitores.*

Palavras-chave: *Banquete; Platão; Memória; Educação; Atenas.*

MEMORY AS A PEDAGOGICAL RESOURCE IN PLATO'S SYMPOSIUM

Abstract: *The Symposium dialogue, written around 384 BC., is among the best-known works of Plato, the philosopher, and discusses the male homoeroticism practiced in Athens during the classical period. The context chosen by the philosopher to set his work was a dinner that took place at the poet Agathon's house to celebrate his approval in a tragedy contest in 416 B.C. The main objective of this article is to analyze how Plato uses memory as a pedagogical resource in Symposium to expose his values regarding the relationship between erastés and erómenos. To that end, we carried out a bibliographical discussion of the concept of memory, and, subsequently,*

* Recebido em 13/03/2023 e aprovado em 30/06/2023. Parte do texto aqui publicado foi apresentado como comunicação coordenada no dia 23/08/22 durante o *Simpósio Internacional de Estudos sobre História, Memória e Arqueologia na Antiguidade do Laboratório de Estudos do Império Romano (LEIR-GO)*, organizado pelas Profas. Dras. Ana Teresa Marques Gonçalves e Luciane Munhoz de Omena.

**Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás. Professora efetivada Rede Municipal de Educação de Goiânia – GO. Email: neresluana@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0782-9589>.

dedicated this article to analyze how Plato converts memory into an educational instrument to express thoughts among his readers.

Keywords: *Symposium; Plato; Memory; Education; Athens.*

Trabalhar com o conceito de memória não é tarefa fácil. Há na historiografia diversos debates que procuram compreender a memória e suas singularidades, bem como diferenciá-la de imaginação, de imagem, de mentalidade e de história. Sabemos que ao ganhar destaque nas pesquisas historiográficas após a segunda metade do século XX, o conceito de memória já era objeto de reflexão em outras Ciências Humanas, como na Filosofia, na Antropologia e na Sociologia (SILVA; SILVA, 2005, p. 275). Estudiosos como Henri Bergson (1896; 1999) e Maurice Halbwachs (1939; 1990) já no final do século XIX e na primeira metade do século XX se dedicaram a analisar a memória em seus aspectos individuais, coletivos e sociais. Além do mais, após o aprofundamento dos debates, os estudiosos da memória concluíram que o esquecimento também é um aspecto considerável para a compreensão do uso que os mais diversos grupos sociais fazem do passado, uma vez que tal esquecimento pode ser voluntário ou não, partindo da aspiração destes grupos de ocultar determinados fatos (SILVA; SILVA, 2005, p. 276). Jô Gondar afirma que “o esquecimento é necessário, não apenas para a evocação da lembrança— só lembramos porque esquecemos — mas para a própria constituição da memória” (GONDAR, 2000, p. 36).

De acordo com o historiador norte-americano Patrick Geary, é possível analisar a memória a partir três tipos de pesquisas históricas: primeiramente, pode-se estudar a memória social e considerá-la como um processo que permite à sociedade renovar e reformar sua compreensão do passado com o objetivo de integrá-lo em sua identidade presente. O segundo aspecto é referente às técnicas mnemônicas, aos modos como os homens armazenam e encontram informações passadas. Por último, há o que Geary chama de “teoria da memória”, que se refere particularmente às teorias platônicas e aristotélicas sobre a conservação e a evocação do passado (GEARY, 2006, p. 167-168). É sobre este último aspecto que nos focaremos neste artigo: uma visão sobre a memória que não se detém na questão específica do tempo (QUADROS, 2015, p. 453), mas ao modo como o grego antigo, especialmente o ateniense, compreendia a reminiscência.

Jacques Le Goff define memória enquanto propriedade de conservar certas informações que nos remete inicialmente a um conjunto de funções psi-

quicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1996, p. 423). Na Antiguidade, diversos autores se dedicaram a compreender o que é a memória e definir qual a sua importância na vida dos homens. E para interpretarmos o modo como esse homem grego concebia a noção de memória, podemos dividir tal percepção em dois aspectos: o mítico e o filosófico.

Ao traçar uma história da memória entre os antigos gregos, Jean-Pierre Vernant afirma que os documentos utilizados se tratam em grande parte de representações religiosas da reminiscência na Grécia arcaica (VERNANT, 1990, p. 135). Segundo este autor, há no panteão grego uma deusa chamada *Mnemosýne*, que desempenha uma função psicológica (a da memória), bem como existem outros deuses com esta mesma característica: *Eros* (desejo), *Aidós* (vergonha) e *Phóbos* (medo). Ou seja, muitos fenômenos que compreendemos como sendo de ordem psicológica foram objetos de culto entre os gregos antigos. O saber que *Mnemosýne* oferece aos seus eleitos é uma onisciência de tipo divinatória orientada para o passado, pois nas palavras de Vernant, a deusa conhece, “tudo o que foi, tudo o que é e tudo o que será” (VERNANT, 1990, p. 136-137). Deste modo, é possível inferir que a sacralização de *Mnemosýne* ilustra a importância que a memória desempenhava em sociedades predominantemente orais como as gregas antigas.

Dentre os autores que tratam desse assunto, destacamos o filósofo Platão (428 e 347 a.C.), que se dedicou a compreender a memória, ainda que não tenha tratado exclusivamente dessa questão em nenhum dos seus diálogos. Sempre que o fez foi de maneira secundária, explorando o tema em diálogos do qual o argumento essencial se dirigia a outros assuntos. As obras em que a memória recebe mais atenção do filósofo são o *Teeteto* e o *Sofista*, cujas temáticas principais são, respectivamente, a teoria do conhecimento e a sofística. Tais diálogos foram elaborados na velhice de Platão, momento em que o filósofo, segundo Jayme Paviani, deixa de se preocupar com questões ético-políticas para se consagrar às “questões lógico-ontológicas, sempre em busca de uma fundamentação capaz de retornar às questões éticas, porém, agora articuladas com a filosofia da natureza (PAVIANI, 2001, p. 53).

No diálogo *Teeteto*, escrito em torno de 369 a.C., Platão apresenta sua concepção de memória através da metáfora do bloco de cera. Em uma conversa com Teeteto, Sócrates pede para que o jovem suponha que de um modo geral há um bloco de cera em nossas almas. Em alguns indivíduos, uma cera mais pura; em outros, cera mais impura e mais dura; em alguns outros, mais mole.

Período clássico. Ronie Aleksandro Silveira destaca o fato de o diálogo platônico ser “na verdade, uma exposição escrita de uma discussão oral em que o que está em questão são as crenças pessoais das almas que discutem” (SILVEIRA, 2001, p. 142). Jesper Svenbro afirma que costumava-se ler em voz alta em Atenas neste período, porém tal função dificilmente era realizada por um cidadão. Solicitava-se que um jovem ou um escravo o fizesse, pois recitar era colocar sua própria voz à disposição do texto e desempenhava um papel passivo perante o autor, atitude não condizente com o *status* de cidadão (SVENBRO, 1998, p. 42). Podemos citar como exemplo a passagem no *Teeteto* em que Euclides requer que suas anotações realizadas sobre um relato de Sócrates sejam lidas em voz alta por seu escravo (PLATÃO. *Teeteto*, 143a). Recordemo-nos, ainda, que a própria atividade política na Assembleia era realizada, predominantemente, através da fala. Ao analisarmos os diálogos aqui citados, constatamos que Platão utiliza a memória como um recurso pedagógico para compor seus diálogos. Entendemos recurso pedagógico enquanto um artifício de caráter educativo, utilizado para mediar os saberes entre indivíduos que se propõem a construir determinado conhecimento. Vernant defende que em Platão a memória assume um papel fundamental no ato de levar o indivíduo ao conhecimento, pois para o filósofo, “*Mnemosýne*, força sobrenatural, interiorizou-se para tornar-se no homem a própria faculdade de conhecer” (VERNANT, 1990, p. 161). Compreendemos que Platão era um educador e que fazia uso de diversos recursos (como a memória e os mitos) para tornar seu texto mais aprazível aos seus leitores e conduzir seus leitores ao conhecimento, especialmente para os jovens.

No diálogo *Banquete*¹, (escrito aproximadamente em 384 a.C., quinze anos após a morte de Sócrates), a temática principal gira em torno de eros e de seus efeitos na vida dos homens. Nele, Platão discorre sobre o autocontrole que os envolvidos na relação pederástica² deveriam possuir sobre seus impulsos e ilustra quais relacionamentos seriam dignos de serem realizados almejando a *kalokagathia*, ou seja, a virtude do homem bom e belo, estética e moralmente. Desta forma, os conselhos platônicos dizem respeito ao comportamento dos amantes e não à atração em si. Entendemos que a prática é possível de ser controlada através de leis e de regras sociais, mas não o desejo e defendemos que disposto desse discernimento, Platão transmite através da escrita seus juízos acerca do relacionamento pederástico em voga no seu tempo, objetivando o resgate de uma conduta do passado no

Poderia também haver situações em que a cera possuísse uma qualidade adequada. Dando prosseguimento, Sócrates considera que esta seja uma dádiva de *Mnemosýne* e que toda vez que desejamos nos lembrar de qualquer coisa colocamos nossa cera sob as percepções e pensamentos e os imprimimos nela. Ou seja, o que for impresso, nos lembraremos e conhecemos enquanto durar sua imagem, ao passo que tudo o que for apagado ou não seja possível ser impresso, esquecemos ou conhecemos (PLATÃO. *Teeteto*, 191d).

A respeito dessa metáfora, Paul Ricoeur esclarece que Platão representa a memória enquanto a presença de algo ausente, ou seja, a lembrança é uma marca (*eikon*) impressa na alma (RICOUER, 2010, p. 27). Para Platão no *Teeteto*, à medida em que as marcas são apagadas da alma, elas caem no esquecimento. Já no diálogo *Sofista*, a questão da memória é compreendida enquanto simulacro (*phantasma*), como uma imitação (*mimesis*) do conhecimento (PLATÃO. *Sofista*, 235d). Ainda que a discussão de Platão sobre a memória no *Teeteto* e no *Sofista* tenha recebido bastante atenção de Paul Ricoeur, chegando este à conclusão que o problema platônico é aporético, não temos por intuito aqui nos aprofundarmos nessa questão. Nosso foco é compreender como a memória é utilizada por Platão no *Banquete*, uma vez que o *Teeteto* e o *Sofista* foram escritos posteriormente.

O *Banquete*: estrutura e contexto.

Sabemos que em torno dos vinte anos e enquanto se preparava para participar de concursos trágicos, Platão teve seu primeiro contato com Sócrates e conviveu com este até sua morte, no ano de 399 a.C (DIÓGENES LAÉRTIOS. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, III5-6). A partir de então, Platão passou a escrever seus célebres diálogos, relatando conversas entre seu mestre e outros personagens conhecidos em Atenas. Sua crítica aos poetas e aos malefícios da poesia sobre o conhecimento só seria exposta anos mais tarde, especialmente no livro X da *República*. Deste modo, ao elaborar o *Banquete*, Platão tinha claro os efeitos de *Mnemosýne* no exercício da construção da memória e da importância cultural da poesia e da mitologia em Atenas, pois conforme atesta Werner Jaeger, Platão “descobriu na imitação artística do diálogo socrático a missão que lhe permitira colocar seu gênero dramático a serviço da filosofia” (JAEGER, 1986, p.348).

A maneira como Platão expõe seu pensamento sob a forma de diálogo é um artifício utilizado para atingir seus leitores, sobretudo os jovens do

qual o companheirismo e o interesse da comunidade deveriam se sobressair perante as ambições individuais.

A opção por ambientar o diálogo em um banquete aristocrático, assim como a escolha dos personagens que o compõem, não foi feita ao acaso por Platão. O que usualmente denomina-se banquete era um encontro liturgicamente dividido em duas partes: a primeira, chamada *deipnon*, era caracterizada por se consumir rapidamente pratos pouco sofisticados, sem muita conversação ou bebida. A posterior era o *sympósion*, cujo significado é “reunião de bebedores”, sendo constituído por ritos religiosos, divertimentos, música e dança, tudo regado a muito vinho, que deveria ser consumido gradativamente para que não se atingisse a bebedeira rapidamente.

Os banquetes (*sympósia*) possuíam fundamental importância na formação social do futuro cidadão ateniense, uma vez que durante esta festividade os jovens em formação poderiam praticar tanto seus conhecimentos musicais quanto recitar de cor os versos que, através de técnicas de memorização, aprendiam com o *grammatitês* (professor de leitura) no processo da *paideia*. Além do mais, esses jovens poderiam emular através da observação dos homens adultos, o comportamento socialmente esperado dos cidadãos já formados. Ou seja, tendo como tema um assunto tão importante quanto Eros e as relações entre *erastês* e *erómenos*, Platão soube muito bem ambientar seu diálogo em local propício para o exercício da *areté* masculina e também das práticas mnemônicas.

De acepção de Eros, quanto o artifício dialético, pois Sócrates não é aquele que formula a melhor definição para o deus, mas expõe aquilo que aprendera com a sacerdotisa Diotima de Mantinea.

Através da conversa entre Apolodoro³ e um companheiro não identificado, o leitor toma conhecimento de um banquete ocorrido na casa do poeta trágico Agatão em ocasião de sua primeira vitória no concurso de tragédias em 416 a.C. Contudo, Apolodoro não esteve presente neste jantar, mas tomou conhecimento muitos anos depois através de Aristodemo, conforme ele atesta a Glauco (PLATÃO. *Banquete*, 173a-d). Além de Aristodemo e o anfitrião Agatão, participaram desse encontro o médico Erixímaco, Pausânias, o comediógrafo Aristófanes, o filósofo Sócrates, Alcibíades e outros cujos nomes não foram mencionados (PLATÃO. *Banquete*, 180c).

Logo no início do diálogo é possível observar o uso da memória por Platão de duas maneiras: primeiro, ele ambienta seu diálogo trinta e dois anos

antes do momento em que está escrevendo; segundo, ele elabora um relato que foi transmitido por Aristodemo a Apolodoro que está contando para um outro companheiro. Este método de revelar uma história adquirida de forma indireta também é utilizado por Platão no *Teeteto*, (142a –143a): Euclides narra a Trepision uma conversa entre Sócrates e o jovem Teeteto da qual ele não participou, mas tomou conhecimento através da descrição do filósofo. Esse relato só foi possível graças ao fato de Euclides ter registrado de forma escrita a exposição de Sócrates e, no momento do diálogo com Trepision, este registro ser lido em voz alta por um escravo.

O ato de escrever um diálogo filosófico e não um texto dissertativo, a exemplo de Aristóteles, é em si um grande exercício memorialístico. Refletindo sobre a relação entre memória e esquecimento, Jô Gondar coloca que “a constituição de uma memória impõe operações de segregação, e que a manutenção e o exercício dessa memória exige que se mantenha a exclusão [...] daquilo que se põe em xeque a imagem ou a representação de si mesmo que se tenta preservar.” (GONDAR, 2000, p. 37-38). Quando Platão escreve o *Banquete* (213d), sua memória segrega aquilo que seria necessário para o resgate da juventude, que para ele estava “corrompida” pelos prazeres desenfreados e a perda da moral necessária aos cidadãos. Notamos que existem vários exemplos de virtudes e de corrupção na obra, como por exemplo a relação suspeita entre Pausânias e Agatão mencionada no discurso de Aristófanes, que teria ultrapassado o tempo de duração moralmente aceito.

O *Banquete* está repleto de recomendações sobre como deveria agir o verdadeiro *erastês*, o “amante da alma”. A este aspecto introduzimos a discussão de Walter Benjamin, que afirma que “o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” (BENJAMIN, 1994, p. 200). Essa preocupação do filósofo decorre das consequências geradas pela Guerra do Peloponeso, que afetou o equilíbrio ético e moral da sociedade ateniense. Entendemos que diante do caos proveniente da guerra, parte da juventude descontrolou-se em relação às práticas sexuais que Platão considerava adequadas, despertando no filósofo o ímpeto de resgatar nos jovens um comportamento moralmente aceito através da prática da Filosofia (PERRY, 1999, p.64). Perante a corrosão dos valores éticos a que a juventude estava submetida, Platão sente-se no papel de orientá-la, seguindo o exemplo de seu mestre Sócrates, o “Parteiro das Almas”.

Ao adotar como método o diálogo para expor seu pensamento acerca de Eros, Platão procurou demonstrar que a opinião em Atenas acerca da relação entre um adulto e um jovem não era homogênea naquele período. Contudo, em nenhum momento o filósofo estimula a união homoerótica em detrimento do casamento, pois dessa forma a gestação de novos cidadãos estaria ameaçada. Preocupado com os rumos que Atenas havia tomado após sua derrota na guerra, Platão escreve para a juventude utilizando temas de interesse coletivo, no caso do *Banquete* a temática erótica, a fim de despertar nesta o interesse pela prática da Filosofia, que segundo seu pensamento era o único meio de obtenção da verdadeira Virtude.

O fato de se utilizar de figuras públicas para compor os personagens de seus diálogos demonstra-nos a intenção pedagógica do filósofo, pois através da observação das atitudes desta só um leitor atento poderia, através da *mimesis*, emular os atos nobres e refletir sobre os maus exemplos ali contidos. Independentemente da historicidade do jantar relatado no *Banquete*, estas figuras foram construídas por nosso autor de modo que dão conta do propósito de ilustrar quais atitudes eram ou não dignas de um *kalokagathos*.

Além das análises realizadas acima, observamos mais uma forma de como Platão recorre à memória enquanto recurso pedagógico para transmitir seu pensamento: por meio da elaboração de narrativas míticas. Sabemos que o mito é um dos modelos de memória utilizados pelos gregos antigos e Platão se utiliza didaticamente desse método para transmitir seu pensamento, ainda que segundo Marcel Detienne (1998, p. 151-152), “a obra platônica marca o momento em que o saber filosófico, denunciando as narrativas dos antigos como ficções escandalosas, se dispõe a contar seus próprios mitos em um discurso sobre a alma, sobre o nascimento do mundo e sobre a vida no além”. Ou seja, mesmo que Platão tenha sérias críticas acerca dos mitos, se utiliza deles para poder conquistar seus leitores.

Através do discurso de Aristófanes, Platão cria o que a historiografia denomina de *mito dos andróginos*. Segundo o comediógrafo, nos primórdios havia seres andróginos comuns a metade masculina e outra feminina, e outros, com as duas metades masculinas ou duas femininas:

Com efeito, nossa natureza outrora não era a mesma que a de agora, mas diferente. Em primeiro lugar, três eram os gêneros da humanidade, não como agora, o masculino e o feminino, mas também havia a mais um terceiro, comum a estes dois, do qual resta

agora um nome, desaparecida a coisa; andrógino era então um gênero distinto, tanto na forma como no nome comum aos dois, ao masculino e ao feminino, enquanto que agora nada mais é que um nome posto em desonra (PLATÃO. Banquete, 189d-e).

Ainda segundo Aristófanes, certo dia os andróginos se revoltaram contra os deuses e foram divididos em dois, sendo assim condenados por Zeus a procurarem em toda a humanidade a sua meta de verdadeira. Desde então, as pessoas passaram a buscar na sua “outra metade” aquilo que não encontram em si: “O motivo disso é que nossa antiga natureza era assim e nós éramos um todo; e, portanto, ao desejo e procura do todo que se dá o nome de amor” (PLATÃO. *Banquete*, 189d-193a).

Após a análise do mito dos andróginos, fica clara a maneira como Platão faz uso memória para determinar a natureza do relacionamento pederástico considerado honroso. O discurso de Aristófanes é construído sobre uma narrativa memorialística, cujo objetivo é convencer o leitor que a busca incessante pela metade perdida é a motivação do amor. Para o Aristófanes platônico, não é o prazer em si que atrai os amantes, mas a saciedade que tal prazer pode lhes proporcionar, de forma que o prazer não é o que determina o amor, mas é o que acalma o ardor que move a natureza humana (SANTORO, 2007, p. 98-99). Após relatar a história dos andróginos, Aristófanes eleva a honra e a moral dos que procuram sua outra metade nos rapazes, afirmando que, ao invés de ser uma atitude vergonhosa, é uma prova de audácia e coragem por parte de quem a pratica.

Adiante, quase no final do diálogo, Platão aplica novamente o recurso da memória ao elaborar a origem de Eros, criando uma nova gênese para o deus através do discurso de Sócrates. Embora o mestre filósofo tome a palavra, não louva o deus utilizando-se de ideias próprias, mas relembra um discurso proferido anteriormente pela sacerdotisa Diotima de Mantinea:

E a ti eu te deixarei agora; mas o discurso que sobre o Amor eu ouvi um dia, de uma mulher de Mantinéia, Diotima, que nesse assunto era entendida e em muitos outros [...] o discurso então que me fez aquela mulher eu tentarei repetir-vos, a partir do que foi admitido por mim e por Agatão, com meus próprios recursos e como eu puder (PLATÃO. Banquete, 201d-e).

É através da fala da sacerdotisa que Platão expõe sua concepção de

amor nesta obra, fato bastante excepcional, uma vez que em Atenas nesse período as mulheres não recebiam uma educação intelectual e não participavam de discussões filosóficas. É importante lembrar que somente os homens participavam da formação através da *paideia*; porém, Diotima é uma sacerdotisa e, assim sendo, não fala por si, mas é veículo de uma potência divina. Sócrates não esclarece por qual deus Diotima se expressa, mas afirma ela ser sábia em muitos assuntos.

Diotima não apresenta Eros nem como um deus nem como um mortal, mas como algo intermediário aos dois, um *daimon*. Ao narrar sua genealogia, a sacerdotisa busca indicar a natureza de Eros e justificar porque ele é provido de beleza e sabedoria e, ao mesmo tempo, carente de ambos: isso se dá pelo fato deste *daimon* ser filho tanto de *Pênia* (a Pobreza) quanto de *Poros* (a Riqueza), (PLATÃO. *Banquete*, 203b-c). Segundo Fernando Santoro (2007, p. 108), o discurso de Diotima retoma a ideia do amor como busca do preenchimento de uma carência, não de uma cara-metade como no mito de Aristófanes. Trata-se da busca de uma integridade que só se realiza quando alcança a mais universal do belo em si mesmo, a beleza das ações virtuosas (SANTORO, 2007, p.108). Pierre Grimal (1992, p. 148), esclarece que o mito criado por Platão tem por objetivo contrapor a tendência em se considerar Eros como um dos grandes deuses do panteão grego, por ser entendido enquanto uma força eternamente insatisfeita e inquieta (GRIMAL, 1992, p. 148).

Para expor seu pensamento sobre o relacionamento pederástico, Platão recria o mito de Eros, convertendo o deus em fonte educadora voltada para o belo, tanto em relação ao *erastés*, quanto também ao *erómenos*, elaborando no *Banquete* discursos que objetivam orientar os jovens futuros cidadãos de que maneira deveriam agir para almejar a virtude. Diferentemente de versão mais tradicional do mito que atribui genealogia de Eros a Afrodite e a Hermes, Platão coloca o deus em uma posição menos privilegiada do panteão, afirmando que este se tratava de um ser intermediário entre os homens e os deuses, exatamente por ser resultado da união de *Pênia* (Pobreza) com *Poros* (Riqueza).

Para finalizarmos nossa análise sobre o uso pedagógico da memória no *Banquete*, voltamos nosso olhar para a figura de Sócrates como paradigma tanto do bom *erastes* quanto do bom *erómenos*. Sabemos que o relacionamento pederástico em Atenas era bastante ritualizado: o *erastés* era quem

deveria exercer a iniciativa da corte, de perseguir o amado e designar-lhe obrigações. O *erómenos* exercia o papel de não ceder com facilidade, de controlar os impulsos sexuais do *erastés* e não permitir ser penetrado pelo mesmo. Neste diálogo, o jovem Alcibiades fere os preceitos do séquito pederástico ao tomar a iniciativa do cortejo e propor uma relação amorosa a Sócrates que, de acordo com as regras não escritas da pederastia, deveria desempenhar tal papel por ser o mais velho e o mais sábio. Estrategicamente, Platão representa Sócrates no início do *Banquete* enquanto *erastés* de Agatão e, no final, como o *erómenos* de Alcibiades, pois o mestre recusa com sabedoria e sobriedade as investidas do estrategista. Inferimos, portanto, que ao elaborar a defesa da figura de Sócrates na qualidade de um *kalokagathós*, Platão realiza um exercício de resgate da memória coletiva sobre seu mestre, condenado à morte em 399 a.C. acusado de ter corrompido a juventude.

Nesse sentido, identificamos no *Banquete* um grande exercício de reconstrução da memória por parte de Platão. Concluímos que, apesar de não ter desenvolvido uma teoria acerca da memória no momento da elaboração deste diálogo, Platão dela se utiliza para ambientar e desenvolver suas ideias, além de criar narrativas míticas para apresentar a origem de Eros e dos andróginos, criaturas concebidas por Zeus em um período muito anterior à criação humana. Além do mais, é significativo o fato de Platão valer-se de seu diálogo como um veículo de resgate da memória sobre o seu mestre, feito que permeará todo o conjunto da obra do filósofo.

Documentação escrita

DIOGENES LAERTIUS. *Lives of Eminent Philosophers*. (Books I-V). Trad. Robert Drew Hicks. Cambridge/London: Harvard University Press/William Heinemann, 1925. v. 1.

_____. *Lives of Eminent Philosophers*. (Books VI-X). Trad. Robert Drew Hicks. Cambridge/London: Harvard University Press/William Heinemann, 1925. v. 2.

DIÔGENES LAËRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

PLATÃO. *O Banquete*. Trad. Irley F. Franco e Jaa Torrano. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio; São Paulo: Loyola, 2021.

- PLATON. *Le Banquet*. Trad. Léon Robin. Paris: Les Belles Lettres, 1951.
- _____. *Le Sophiste*. Trad. Auguste Diès. Paris: Les Belles Lettres, 1985.
- _____. *Protagoras*. Trad. A Croiset. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- _____. *Théétète*. Trad. Auguste Diès. Paris: Les Belles Lettres, 1950.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. O narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre Literatura e História da Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DETIENNE, Marcel. *A invenção da mitologia*. Rio de Janeiro: José Olympio/Brasília: UnB, 1998.
- GEARY, Patrick. Memória. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (orgs.). *Dicionário temático do Ocidente medieval*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 167-181.
- GONDAR, Jô. Lembrar e esquecer: desejo da memória. In: COSTA, Icléia T. M.; GONDAR, Jô (org.). *Memória e espaço*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2000, p. 35-43.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- GRIMAL, Pierre. Eros. In: *Dicionário da mitologia grega e romana*. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992, p. 148-149.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- JAEGER, Werner Wilhelm. *Paideia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- PAVIANI, Jayme. A característica dos processos dialéticos. In: _____. *Filosofia método em Platão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p.45-84.
- PERRY, Marvin. Os gregos: do mito à razão. In: _____. *Civilização ocidental: uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 42-69.
- QUADROS, Elton Moreira. Platão e a questão da memória: uma leitura ricoeuriana. *Anais do XI Colóquio do Museu Pedagógico*, Rio de Janeiro, v.11, n. 1, p. 443-457, 2015. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/4937/4740>. Acesso em: 2 set. 2016.

- RICOEUR, Paul. Memória e Imaginação. In: _____. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010, p. 25-70.
- SANTORO, Fernando. Erótica. In: _____. *Arqueologia dos prazeres*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, p. 77-142.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- SILVEIRA, Ronie Alexsandro T. da. Memória e escrita de *Fedro* de Platão. *Caderno de Atas da Primeira Reunião da Sociedade Brasileira de Platonistas (ANPOF)*, Suplemento ao Boletim do CPA, Campinas, n. 10, p. 141-149, 2000. Disponível em: <http://www.puc-rio.br/parcerias/sbp/pdf/21-roniealex.pdf>. Acesso em: 2 set. 2016.
- SOUSA, Luana Neres de. *As relações pederásticas em Atenas no período clássico: uma análise do Banquete de Platão e de Xenofonte*. Orientadora: Ana Teresa Marques Gonçalves. 2013. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em História da UFG. Goiânia, 17/05/2013. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/T2013-07.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2022.
- SVENBRO, Jesper. A Grécia arcaica e clássica: a invenção da leitura silenciosa. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998, p. 41-69.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos: estudos de psicologia histórica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

Notas

¹ O título original em grego deste diálogo é *Symposiôn*.

² Em nossa Tese de Doutorado (SOUSA, 2013), defendemos que a pederastia, relacionamento entre um homem adulto e um jovem, denominados respectivamente de *erastês* e *erómenos*, deveria ser de caráter político pedagógico e não sexual.

³ Apolodoro também é mencionado no diálogo *Protágoras* (310 a-b), como o pai de Hipócrates, jovem que deseja obter ensinamentos do sofista Protágoras.